

Como medir e fixar o efémero: dos arquivos e bibliotecas ao CIBERESPAÇO

Desengane-se quem pensa que não se desenvolve actividade de investigação em Humanidades. Urge até a necessidade de «**criação ou alargamento de espaços institucionais para esta área de investigação, o que não implica, necessariamente, custos adicionais, mas implica, isso sim, uma reorganização das estruturas**», como diz José Camões, investigador do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. As suas áreas de investigação são a conservação e divulgação do património, o estabelecimento da história da cultura e das ideias, e a construção de ferramentas informáticas comuns para trabalho no âmbito das Humanidades.

Em colaboração com uma equipa de críticos textuais, paleógrafos, ensaístas e engenheiros informáticos, José Camões dedica-se à pesquisa e tratamento de documentação dos séculos XIII a XVIII para a história da literatura e do teatro. Posteriormente disponibiliza-a no ciberespaço para assim «**libertar os documentos de uma ordenação rígida, sem mobilidade**»: um «**contributo para a formação de uma identidade cultural nacional**».

Como lidar com a história do teatro, de que nada fica a não ser, algumas vezes, os textos? – este é o mote para um dos projectos em curso com

o objectivo de solidificação do património monumental e documental do teatro português: a edição dos textos primordiais e a colecção das fontes primárias. Camões explica que «**a dispersão dessa informação pelos livros é difícil de sintetizar e, sobretudo, difícil de conjugar com os documentos soltos que se encontram armazenados em caixas e maços. O volume da documentação é suficientemente elevado para que o processo manual de fichas com que durante séculos se trabalhou possa ser optimizado e beneficiar de um processamento informático**».

A metodologia adoptada foi a construção de base de dados documentais, disponibilizando as fontes para a história do teatro produzido em Portugal desde a Idade Média, revestindo a sua apresentação de rigor filológico antes da elaboração de qualquer síntese. Esta alberga já o equivalente a milhares de páginas impressas, prometendo tornar-se um «**motor para a construção**

da História(s) do Teatro à medida de cada utilizador» (www.fl.ul.pt/http_ui/webinterface).

Outro projecto que José Camões tem em mãos é de crítica textual, ou seja, o estabelecimento de textos literários a partir de versões inéditas ou com variantes em relação a versões conhecidas. Recorre a textos e à documentação coeva, que está na sua maior parte por encontrar em Arquivos e Bibliotecas. «**Depois de identificados, e isto pode implicar até testes químicos, transcrevem-se e fixam-se numa edição crítica, numa plataforma informática de edição que permite interligá-los e reconstruir percursos – o que, por processos manuais, podia levar anos ou até mesmo nunca se conseguir**» (www.cet-e-quinientos.com).



Nome: José Camões
Naturalidade: Lisboa, 16/7/1958
Área: História da Literatura e do Teatro (séculos XIII-XVII)

Segundo o investigador José Camões, «a conservação do património cultural intangível é um dos objectivos que norteiam esta investigação. Num primeiro momento é óbvio que é a comunidade escolar a beneficiada. Como podem os resultados da nossa investigação integrar ou alterar os *currícula* do ensino secundário, por exemplo, é uma questão que se levanta a partir do momento em que são descobertas obras que se consideravam

perdidas ou autores que ficaram no esquecimento por condições históricas adversas». Servem não só o especialista que prepara um trabalho científico, como o utilizador curioso que, navegando no ciberespaço cada vez mais organizado e ao alcance de todos, aterra na enciclopédia.

www.ul.pt/ciencianaul

* Os autores são investigadores de Física da Universidade de Lisboa e assinam quinzenalmente este espaço

telegrama

Criador da Dolly anuncia que existem quatro clones vivos da célebre ovelha; Pompeia degrada-se, diz a UNESCO

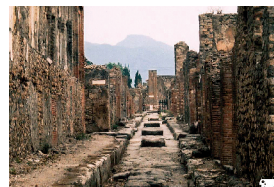
Afinal, Dolly está viva, embora, evidentemente, em sentido simbólico. A primeira ovelha clonada deixou descendentes, algo que era até agora desconhecido. Mas também não são descendentes no sentido tradicional do termo, são clones que vivem há mais de três anos na Universidade de Nottingham, no Reino Unido.



O biólogo Keith Campbell anunciou a existência de quatro dessas cópias, que ele clonou da mesma amostra

de tecido mamário que usou para criar Dolly há 14 anos. Quanto a ela, morta em 2003, teve mesmo crias de forma natural, que viveram saudáveis. Mas a sua morte acendeu a polémica em torno da ética na clonagem.

Desta vez bastaram chuvas fortes para derubar mais duas paredes da



cidade antiga de Pompeia (Itália), as mesmas que tinham sido destruídas por um bombardeamento durante a Segunda Guerra

Mundial e que tinham sido entretanto reconstruídas. As paredes protegiam a chamada Casa do Moralista, assim chamada porque o seu proprietário escrevia nelas frases de teor moral. No início do mês, a UNESCO já tinha manifestado preocupação com o estado de conservação da cidade.

ricardo.nabais@sol.pt